

Publicações recentes

Despret, Vinciane et Stengers, Isabelle (2011). *Les faiseuses d'histoires. Ce que les femmes font à la pensée?* Paris: La Découverte / Les Empêcheurs de penser en rond.

O livro em sua versão original está em francês e ainda não está publicado em português, embora conte com uma tradução experimental para fins de estudo feita pelos participantes do grupo PesquisadorCOM da Universidade Federal Fluminense.

As autoras, ambas filósofas, partem de um livro de Virgínia Woolf publicado em 1938 (*Trois Guinéas*)

para perguntar, de maneira provocativa e bem humorada a mulheres que entraram nas universidades e passaram a trabalhar num ambiente predominantemente povoado por homens, “O que fizeram as mulheres ao pensamento?” A partir das respostas recolhidas de suas convidadas, as autoras não descobriram um “pensamento feminino”, mas mulheres que se negaram a aceitar o lugar que lhes foi reservado. São mulheres que assumem na universidade o papel de “fazedoras de histórias” ou “criadoras de caso”, traduções possíveis para o título do livro, buscando afirmar-se na constituição de um novo lugar, uma nova relação com o pensamento.

Montero, Rosa (2013). *La ridícula idea de no volver a verte.* Barcelona, Espanha: Editorial Seix Barral, S. A.

O livro está em espanhol e ainda não tem tradução em português. Ao contar a história de Marie Curie, a autora faz uma clara homenagem às mulheres que, como Curie, enfrentaram resistência para levar adiante as suas ideias em uma sociedade que as ignorava por sua condição feminina. Trata-se de um diário que começou com a morte de seu esposo, numa narrativa a meio caminho

de recordações pessoais e da memória de todos, entre a análise de nossa época e a evocação íntima, uma espécie de biografia cruzada da autora, da Marie Curie e de várias outras cientistas e artistas que passaram pelas mesmas questões ao não terem suas produções reconhecidas, ou de serem roubadas por ilustres homens cultos ao longo da história. O livro tem 124 páginas e pode ser encontrado em versão PDF no formato epubem: <http://aifos.mx/wp-content/libros/La%20ridicula%20idea%20de%20no%20volver%20a%20verte.pdf>

Adichie, Chimamanda Ngozi (2014). *Sejamos todos feministas.* São Paulo: Companhia das Letras.

A autora questiona o que é ser feminista no século XXI e por que o feminismo pode libertar homens e mulheres. No bojo dessas reflexões, está a proposta de começar a planejar um mundo mais justo onde homens e mulheres podem ser mais felizes, sendo necessário, para tanto, criar de maneira diferente nossas filhas e nossos filhos para que as meninas não se anulem para ser como esperam que elas sejam e para que os meninos não se sintam aprisionados nos estereótipos de masculinidade que lhes são impostos. Trata-se de um ensaio feito a partir da adaptação do discurso feito no TED x Euston em que Adichie parte de sua experiência pessoal como mulher e nigeriana.

Biroli, Flávia & Miguel, Luis Felipe (2014). *Feminismo e Política. Uma introdução.* São Paulo: Editora Boitempo.

Os autores, cientistas políticos, trazem um panorama das principais contribuições da teoria política feminina desde os anos 1980, mapeando as posições de diferentes autores e correntes nos debates que se colocam

dentro do próprio feminismo que não é um campo homogêneo. Objetivando atingir leitores pouco familiarizados, Biroli e Miguel abordam, ao longo de dez capítulos, temas como prostituição e o aborto, a representação política e a opressão sofrida pelas mulheres. Com base em nomes conhecidos da teoria feminista, o livro mostra como o debate sobre a posição das mulheres nas sociedades contemporâneas ofereceu oportunidades para questionar as noções de indivíduo, de espaço público, de autonomia, de igualdade, de justiça e de democracia que são categorias centrais de como pensamos o universo da política.

Perrot, Michelle (2015). *Minha História das mulheres*. Porto Alegre: Editora Contexto.

Originalmente publicado em francês pela Éditions du Seuil, em Paris, no ano de 2006, o livro, destinado a um público de não especialistas, traz pesquisas e reflexões acadêmicas de Michelle Perrot, uma das historiadoras mais conceituadas da história das mulheres. Em seus cinco capítulos, a autora aborda os processos que deram visibilidade às lutas e conquistas que as mulheres empreenderam tanto nos espaços públicos como nos privados. Derivou de uma série de programas de rádio da *France Culture* onde Perrot falava sobre a história das mulheres, sobre sexualidade, maternidade, histórias de amor, filhos, sobre o papel das religiões na vida das mulheres, sobre as razões que deixaram o acesso à escrita, à leitura e ao trabalho tão difícil para elas, constituindo-se a obra numa síntese dos avanços conquistados sobre esses temas numa história de trinta anos.

Alves, Kerley dos Santos. (organizadora). (2016). *Turismo, Trabalho e Gênero: uma abordagem interdisciplinar*. Ouro Preto: UFOP – Departamento de Turismo. 128p.

Esta coletânea apresenta trabalhos de pesquisadoras brasileiras, portuguesas e espanholas (à exceção de um único autor) com temáticas que entrelaçam turismo, trabalho e relações de gênero. O turismo tem se revelado uma atividade econômica reconhecida internacionalmente, devido ao seu grande potencial para a geração de empregos e fomentar o desenvolvimento sustentável de regiões turísticas. Além disso, essa atividade tem se mostrado como alternativa para a inclusão das mulheres no mercado de trabalho, embora tal inclusão não signifique a garantia de relações equitativas de gênero. Nas atividades econômicas ligadas ao turismo as pesquisas revelam que as posições mais rentáveis e de maior prestígio são exercidas pelos homens, enquanto que as mulheres desenvolvem as atividades semelhantes às domésticas: cuidado, preparo de alimentos, limpeza, entre outras. Impera ainda, no imaginário social, a ideia de que as mulheres têm naturalmente habilidade para a realização dessas tarefas, o que as dispensa de treinamento formal ou maior grau de escolarização para esse exercício profissional.

Brito, Carolina Dantas. (2015). *No embalo da rede: conexões e desconexões no enfrentamento da violência de gênero contra as mulheres em Belo Horizonte*. Curitiba. PR: CRV, 146 p.

Carolina Dantas Brito inspirada pela afirmação de Haraway (1995) de que “o único modo de encontrar uma visão mais ampla é estando em algum lugar em particular” (p.33), percorreu desde o Centro Risoleta Neves de Atendimento (CERNA), em Belo Horizonte, os meandros da rede de enfrentamento da violência contra a mulher. Sua pesquisa realizada no mestrado em Psicologia da PUC Minas, resultou no livro “NO EMBALO DA REDE: conexões e

desconexões no enfrentamento da violência contra as mulheres em Belo Horizonte” (2015). A autora reconstruiu a “Rota Crítica” (Sagot: 2004) percorrida pelas mulheres que buscam denunciar o companheiro violento aos equipamentos públicos. Brito mostra que as desconexões entre os diversos equipamentos da rede de proteção exigem dessas mulheres muitas idas e vindas, bem como, a repetição de suas histórias para diversos profissionais (assistentes sociais, psicólogos, policiais e operadores da justiça), o que concorre para a descrença tanto nos equipamentos públicos de proteção e enfrentamento da violência, quanto na própria possibilidade de superação da violência sofrida.

Moreira, Maria Ignez Costa. (2014). A Violência contra a Mulher: Quem ama não mata! In Violências e Figuras Subjetivas: Investigações acerca do mal incontrolável. Souza, Mériti; Martins, Francisco e Araújo, José Newton Garcia. Florianópolis: Editora da UFSC. (p.81-94).

A coletânea *Violências e Figuras Subjetivas: Investigações acerca do mal incontrolável* tem por objetivo discutir o fenômeno da violência, em sua dimensão simbólica ou explícita, contra a mulher, contra as crianças, das instituições prisionais, dos hospitais psiquiátricos ou de doentes terminais, na educação e nas organizações do trabalho. Essas dimensões da violência são discutidas a partir de uma visão multidisciplinar. A violência contra a mulher é discutida por Moreira no capítulo “A Violência contra a Mulher: Quem ama não mata!” no qual a autora apresenta, à luz das teorias de gênero, uma reflexão sobre a história das práticas de enfrentamento da violência doméstica contra a mulher. A retirada da violência doméstica do contexto unicamente privado para colocá-la como fenômeno de dimensão pública e

política é um avanço para o enfrentamento da violência contra a mulher. No entanto, a transformação cotidiana das relações entre homens e mulheres, bem como a garantia da eficácia das políticas públicas de gênero, ainda constituem desafios permanentes.

Biroli, Flávia. (2013). Autonomia e desigualdade de gênero. Vinhedo: Editora Horizonte. 208p.

Os conceitos de gênero, classe social e raça, interligados, são problematizados à luz das questões políticas e femininas. Dessa forma, as teorias feministas contribuem para a crítica democrática. As assimetrias de gênero, classe e raça, argumenta-se, causam prejuízos à autodeterminação de atores sociais. Como apoio teórico são utilizados autores clássicos como Goffman, Rawls e Dworkin.

Jesus, Jaqueline Gomes de (Organizadora) (2014). Transfeminismo: teorias & práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2014. 206 p.

O livro *Transfeminismo: teorias & práticas*, organizado por Jaqueline Gomes de Jesus, constitui-se como coletânea realizada a partir de debates virtuais e do Simpósio “Feminismo Transgênero e Transfeminismo” realizado durante o Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, realizado na UFSC em setembro de 2013. Apresenta e aprofunda reflexões sobre uma linha e ação feminista emergente no país decorrente dos movimentos sociais em conexão com debates do meio acadêmico, a partir de autores brasileiros e portugueses. O transfeminismo é apresentado e conceituado, apresentando fundamentos na consciência política e de resistência de pessoas trans e no feminismo negro, abrangendo a interseccionalidade das opressões. Além de textos teóricos, o material apresenta também aplicações

dessa linha de pensamento, abordando temas como: despatologização das identidades transexuais, travestis e envelhecimento, o combate à violência cissexista e as diversas violações de direitos humanos vivenciadas pelas pessoas trans, dentre outros temas que desafiam este universo teórico-prático.

Butler, Judith. (2015). *Senses of the Subject*, Fordham University Press, 2015, p. 208.

Esta obra, publicada em inglês e ainda não traduzida para o português, reúne uma série de sete ensaios filosóficos escritos por Judith Butler durante um período de vinte anos, demonstrando os deslocamentos do pensamento da autora ao longo dos anos sobre diversas questões relativas à formação do sujeito. Nesta empreitada, Butler percorre diversas construções teóricas tais como Hegel, Kierkegaard, Descartes, Spinoza, Malebranche, Merleau-Ponty, Freud, Irigaray e Fanon. Baseando-se em seus primeiros trabalhos sobre o desejo hegeliano, este livro considera que as paixões como desejo, raiva, amor e sofrimento estão ligadas à construção do sujeito dentro de campos históricos específicos de poder. O conjunto de ensaios constitui um instrumento valioso para nos aproximarmos do pensamento da autora e um caminho para a compreensão transversal da concepção política de sujeito por ela proposta.

Marcondes, Mariana Mazzini; Pinheiro, Luana; Queiroz, Cristina; Querino, Ana Carolina; Valverde, Danielle. (Organizadoras) (2013). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

O Dossiê mulheres negras é um trabalho em parceria da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea),

e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR) com a ONU Mulheres, no âmbito do projeto *Retrato das desigualdades de gênero e raça*, cuja quarta edição foi publicada em 2011. Este material, disponível on-line através do link http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_dossie_mulheres_negras.pdf, compila dados estatísticos que evidenciam como a interseccionalidade gênero/ raça/ classe influencia decisivamente a vida de mulheres negras brasileiras nos contextos da educação superior, do mercado de trabalho, no acesso a bens, nas situações de exclusão digital e violência. Desta forma, este livro torna-se um ponto de partida essencial para estimular reflexões sobre os mecanismos que permitem a conformação desta perversa distribuição desigual socioeconômica, cultural e política no país. Além disto, esta edição é comemorativa, pois no ano de 2013, a SPM e a SEPPIR completam dez anos de existência. Neste sentido, pela primeira vez foram convidadas jovens mulheres negras para constituir este conjunto de indicadores sociais, confirmando um compromisso das instituições parceiras com o protagonismo do grupo que, ao mesmo tempo atua na militância político-acadêmica através de suas pesquisas e vivencia no cotidiano o impacto deste leque violento de processos simultâneos de exclusão.